

PÓLVORA, Jacqueline Britto; ANJOS, José Carlos Gomes dos (orgs.). Dinâmicas identitárias, culturais e de gênero em Cabo Verde. Praia: Edições Uni-CV; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 156p.

André Omisilê Justino¹
ORCID: 0000-0002-5549-2351

Dinâmicas identitárias, culturais e de gênero em Cabo Verde é uma obra que realiza o que se propõe, isto é, apresenta diferentes facetas da realidade cabo-verdiana a partir de temáticas caras a essa sociedade do oeste africano. O eixo principal da obra é, sem dúvidas, o gênero, que surge ao longo dos capítulos como um construto social extremamente complexo. No entanto, apenas uma das autoras dedica espaço a precisar o conceito que, de outra forma, não seria enunciado na obra para aquelas² que estejam iniciando suas leituras neste grande tema das Ciências Sociais.

Além do gênero, temas como organização familiar, cuidado, identidade nacional, fluxos migratórios, música e política se fazem presentes nos cinco capítulos que compõem a coletânea. Todos estes temas conversam entre si e apontam para um caminho que mostra a complexidade da vida social no arquipélago. E, como bem alertam as organizadoras, os eixos são intercambiáveis e as leitoras podemos reordenar os diversos relatos etnográficos apresentados, interagindo com os

capítulos e propondo questões para pesquisas futuras. Este diálogo interno é, certamente, o ponto alto da coletânea: a riqueza dos dados etnográficos e as questões que permanecem provocam aquelas que se propõe a pensar Cabo Verde em suas próprias pesquisas, mas também atença uma vontade de investigar tais temas em outros contextos da diáspora negra.

Organizada por Jacqueline Britto Pólvora e José Carlos Gomes dos Anjos, ambas professoras em universidades brasileiras, a coletânea é fruto de um rico e duradouro intercâmbio. Por meio de financiamentos e de projetos variados, pesquisadoras brasileiras e cabo-verdianas mantêm vivo um fluxo de ideias, de valores e de pessoas de norte a sul do Brasil, por um lado, e nos diferentes polos universitários espalhados nas ilhas cabo-verdianas, por outro. O espírito do movimento e da transnacionalidade anima as reflexões contidas na obra.

No primeiro capítulo, *Feitiçaria, uma questão de gênero?*, Eufêmia Rocha aborda a feitiçaria como estratégia de poder que as mulheres lançam mão em suas trajetórias.

1 Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, formou-se mestre e doutor pela mesma instituição. Ao longo da formação, teve experiências de pesquisa em cooperação internacional, etnologia africana, etnografia das instituições, Antropologia da Saúde, estudos da deficiência e da infância. Atualmente pesquisa práticas de cuidado com ênfase na perspectiva das crianças.

2 Utilizo o feminino plural como englobante a despeito da norma culta do português, tendo em vista que à exceção de um organizador, todo o corpo autoral do livro é composto por mulheres.

A autora divide em três as possibilidades de acesso à bruxaria: como “mães”³, buscando socorro e proteção às filhas e aos filhos; como *kunbosas*⁴, ao lidar com a rivalidade e seus perigos; e como “colegas” que disputam o mercado de trabalho, principalmente o comércio, e precisam atacar ou defender seus interesses. A partir da etnografia, a autora nos mostra como redes transnacionais são acionadas por essas mulheres que vão a outros países, como Senegal e São Tomé e Príncipe, para conseguir os melhores contatos.

É interessante notar também como o fluxo de continentais para o arquipélago é importante para manter a estratégia mágica à mão das mulheres que não se dispõem ou não podem viajar. A pergunta que a autora se faz, se a prática de feitiçaria estaria ligada à condição de ser mulher, é intrigante e ela demonstra como mesmo no imaginário musical, muito importante para a construção da nação e da identidade nacional, é a figura da mulher a que embruxa e enfeitiça os homens para controlá-los. Mas se a magia é uma ferramenta usada por mulheres, e os homens não acessam a magia para resolver suas disputas, é preciso ressaltar que eles podem ser os *mestris* que realizarão, a um preço, os feitiços que atendem as demandas feitas pelas “mães”, *kunbosas* e “colegas”. Por fim, cabe um destaque ao uso do feitiço como prática de cuidado refletida na intensidade do laço entre “mãe” e a sua descendência, que faz com que ela se mova entre tramas transnacionais para conseguir

os meios de cuidar e de proteger aquelas por quem se sente responsável.

Em *Os (não) lugares dos homens pais e companheiros nas famílias da Ilha de Madeira*, Maria Cruz e Celeste Fortes se propõem a analisar a relativa ausência masculina nos contextos domésticos de uma região periférica de Mindelo, na ilha de São Vicente. Por meio de entrevistas com as moradoras da Ilha de Madeira, as autoras retratam dinâmicas familiares muito particulares ao arquipélago, a saber: a centralidade da “mãe” e a ausência relativa do “pai”. Razões econômicas, principalmente as que tocam o mundo do trabalho, surgem como uma das muitas explicações possíveis para a ausência do homem no ambiente doméstico. Sem emprego, o homem-pai-companheiro não tem como atender às expectativas de ser um provedor do lar e ocupar as ruas em busca de oportunidades passageiras que permitam ganhar um sustento diário ao menos. Da mesma forma, razões educacionais e culturais são levantadas para explicar que desde criança que os meninos se afastam das tarefas domésticas, uma vez que compreendem a não aprenderem da mesma forma que as meninas e a não serem bons como elas. Assim sendo, o processo de ausência é construído concomitantemente à masculinidade na medida que o menino envelhece, torna-se homem e tem filhas.

Também falando a partir do campo das masculinidades, Lurena Silva aborda a questão da sexualidade e identidade de

3 Entre aspas estão as categorias conforme utilizadas pelas autoras e que tem seu significado e uso específico imbricado no texto, enquanto os termos em itálico dizem respeito ao uso do crioulo cabo-verdiano.

4 *Kunbosa* é uma categoria do crioulo cabo-verdiano usada para nomear mulheres que compartilham um mesmo homem. Nesta relação, uma é *kunbosa* da outra.

gênero entre homens gays no capítulo *Identidade de gênero e sexualidades entre homossexuais: alguns elementos a partir da Associação Gay Caboverdiana Contra a Discriminação, Mindelo, Ilha de São Vicente, CV*. A autora mostra como é complexo o esquema de identidade sexual, corporalidade e sexualidade em Mindelo, focando principalmente na volatilidade da categoria “gay”, que ora está ligada com a performance de gênero, ora com a performance sexual.

Outras categorias, como a de “homem” e “mulher”, entram em jogo quando os interlocutores da antropóloga tentam explicar o que é ser homossexual e como suas volições afetivas e sexuais são atravessadas por construções de uma masculinidade hegemônica que abomina os campos limítrofes entre o masculino e o feminino. Nas relações afetivas e sexuais no contexto da pesquisa, ser homem está associado com a posição de ativo da relação em um jogo em que a penetração é essencial para consumir o ato sexual. Nesse lugar, a homossexualidade está menos relacionada aos contatos e aos interesses sexuais entre homens, e mais com a transitoriedade de um indivíduo do sexo masculino que se coloca enquanto passivo da relação. Os dados da autora vão além e mostram frestas onde o consenso na comunidade homossexual não existe. Desse modo, argumentos como os de que todos os homens que se relacionam com homens são “gays”, ou de que “gays” são aqueles que se vestem “como mulher”. Ou ainda, de que tais rótulos são desnecessários e é preciso superá-los, e, assim, são acionados para construir contrapontos a um modelo

único de homossexualidade em Mindelo.

Por sua vez, Cláudia de Brito adentra outra seara em seu capítulo, *Rumor político e gênero: um estudo etnográfico na Praia de Quebra Canela na Cidade da Praia em Cabo Verde*, as relações políticas e de que forma a dimensão moral se constrói como campo de batalha quando o assunto é a ascensão das mulheres na política. Por meio de entrevistas e da observação participante, a autora explora os rumores que se constroem em torno da figura de mulheres poderosas que ora estão onde estão em decorrência das suas relações com os homens, ora demonstram um grande jogo de cintura para galgar cargos elevados e abalar o *status quo*.

Brito aciona diversas interlocuções para mostrar como o rumor é uma ferramenta de construção de discursos em um país tão pequeno, onde a proximidade com a elite política é tão maior e os segredos pessoais tão difíceis de serem guardados. No entanto, cabe uma ressalva, ela não localiza tais interlocuções no jogo político, de modo que não temos um contexto: elas pertencem à classe política? Estão envolvidas de alguma forma? São aparentadas dessa classe em algum grau? São algumas das perguntas às quais não temos resposta. A dinâmica de gênero e a busca pela paridade nas esferas de decisão são colocadas em xeque por interlocutoras que acham que o resultado não veio da luta das mulheres, mas foi entregue de graça para acompanhar a vanguarda democrática do mundo ocidental.

Por fim, o capítulo *Entre múzikas e ka múzikas: as concepções diversas do “ser”, “dever ser” e “não ser” do fazer musical*

em *Cabo Verde* encerra a coletânea alterando o escopo e apontando para outro eixo fundamental a fim de entender a sociedade cabo-verdiana: a identidade nacional e sua relação com a tradição e a música. Trabalhando com estas duas categorias locais, *múzikas* e *ka múzikas*, isto é, músicas e não-músicas, respectivamente, a autora mostra o embate que há entre a tradição e a inovação, os ritmos clássicos que embalaram as lutas pela independência e os novos ritmos influenciados pelo *rap* e pelo *hip-hop* e que agradam aos jovens que são acusados de comercializarem em excesso a música. O que a autora se dedica a fazer é pensar em um programa etnográfico que permita adentrar esse mundo e acompanhar os dilemas e a miríade de discursos que buscam legitimar e deslegitimar as práticas musicais. O esquema metodológico e os dados mostram como o reconhecimento e a legitimidade estão ligados ao ponto de vista da interlocutora e não a um esquema maior de valorização da música atualmente feita em Cabo Verde.

A coletânea finda deixando no ar questões não respondidas e curiosidades que não cabem em suas poucas páginas. Diria que esta é, por um lado, uma limitação da obra que é elaborada a partir da síntese de teses e dissertações; mas, por outro, é uma forma fenomenal de divulgar o que está sendo feito na academia cabo-verdiana, provocando leitoras interessadas a buscar as versões completas e os desdobramentos dos trabalhos resumidos ali. Como afirmei no início deste texto, os dados contidos nos vários capítulos são ricos para pensar e provocar novas análises, e a coletânea serve,

de fato, como uma introdução para novos estudos na sociedade cabo-verdiana.